

O JORNAL COMO PLATAFORMA PÚBLICA

Amadorismo, pedagogia corporal, retórica futebolísticas (Florianópolis, 1920-1930)¹

Alessandra Pires Machado

Prefeitura Municipal de Florianópolis, Brasil

alessandra.pires@prof.pmf.sc.gov.br - <https://orcid.org/0009-0004-6289-860X>

Lisandra Invernizzi

Prefeitura Municipal de Florianópolis, Brasil

lisandra.invernizzi@sme.pmf.sc.gov.br - <https://orcid.org/0009-0008-9003-594X>

Alexandre Fernandez Vaz

Universidade Federal de Santa Catarina/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Brasil

alexfvaz@uol.com.br - <https://orcid.org/0000-0003-4194-3876>

|1|

Recibido: 5 de febrero 2024

Aceptado: 7 de mayo de 2024

Identificadores permanentes

ARK: <http://id.caicyt.gov.ar/ark:/s18535925/yvxx0t7vj>

DOI: <https://doi.org/10.62174/avatares.2024.9498>

Resumo: O futebol é um importante marcador dos processos de modernização que encontram lugar no século vinte. Não é diferente em Florianópolis, capital de Santa Catarina, Sul do Brasil, que se supõe ter sido o viu pela primeira vez em 1910. Nas duas décadas seguintes esse esporte já era um fenômeno que, junto com o desenvolvimento da imprensa e de uma crescente vida urbana, estabelecia-se como dispositivo de distinção social. O presente trabalho ocupa-se do lugar que tal modalidade encontrou na imprensa local nas décadas de 1920 e 1930, com especial atenção ao movimento de profissionalização do esporte. Os documentos compõem-se de notas, colunas e cartas

¹ O trabalho é resultado parcial do Programa de Pesquisas Teoria Crítica, Racionalidades e Educação, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Brasil (CNPq), com auxílio pesquisa e bolsas de produtividade em pesquisa, apoio técnico à pesquisa e iniciação científica (processos 408324/2023-6, 312749/2021-0). Recebeu também o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Brasil (CAPES), Código de Financiamento 001. Agradecemos ainda a Fernanda de Azevedo pelo auxílio na coleta de documentos.

dedicadas ao futebol, em jornais como *O Tempo* e *O Estado*. Elas foram analisadas a partir do desenvolvimento de algumas categorias-chave, como a formação do *sportsman*, a presença do futebol como prática efetiva de sociabilização, a emergência e circularidade de novas equipes, a instituição de um espaço público, ainda que limitado às camadas sociais mais altas. Os resultados apontam, entre outras questões, para a reafirmação do etos amadorístico demarcado na figura do *gentleman*, com sua específica masculinidade, a incipiente preocupação com uma pedagogia corporal adequada ao esporte, a instituição de uma retórica futebolística na imprensa periódica.

Palavras-chave: futebol, modernização, Florianópolis, imprensa

EL DIARIO COMO PLATAFORMA PÚBLICA

Amateurismo, pedagogía del cuerpo, retórica del fútbol (Florianópolis, 1920-1930)

Resumen: El fútbol es un marcador importante de los procesos de modernización que encuentran un lugar en el siglo XX. No es diferente en Florianópolis, capital de Santa Catarina, sur de Brasil, donde se supone que fue evidenciado por primera vez en 1910. En las siguientes dos décadas, este deporte ya era un fenómeno que, junto con el desarrollo de la prensa y una vida urbana creciente, se estableció como dispositivo de distinción social. El presente trabajo se refiere al lugar que tal modalidad encontró en la prensa escrita en las décadas de 1920 y 1930, con especial atención al movimiento de profesionalización. Las fuentes consisten en notas, columnas y cartas col el fútbol como tema, en diarios como *O Tempo* y *O Estado*. Los materiales fueron analizados mediante el desarrollo de algunas categorías clave, como la formación del deportista, la presencia del fútbol como práctica social ligada a la socialización, la circularidad de los nuevos equipos, el establecimiento de un espacio público. Los resultados señalan, entre otros temas, la reafirmación del *ethos* amateur en la figura del *gentleman*, en su específica masculinidad, la incipiente preocupación por una pedagogía corporal adecuada para el deporte y la institución de una retórica del fútbol en los periódicos.

Palabras clave: fútbol, modernización, Florianópolis, prensa

THE PRESS AS A PUBLIC PLATFORM

Amateurism, body pedagogy, football rhetoric (Florianopolis, 1920-1930)

Abstract: Football is an important landmark of the modernization processes of the twentieth century. It is no different in Florianopolis, the capital of Santa Catarina, South Brazil, where it appeared at first time –like the historiography until this moment supposes– in 1910. In the following two decades this sport was already a phenomenon that, together with the development of the press and a growing up of urban life, was established as a device of social distinction. This paper researches the presence of football in the diary press in the 1920s and 1930s, with special attention to the processes of professionalization of such sport. The documents are notes, columns and letters on

football, in newspapers such as *O Tempo* and *O Estado*. They were analyzed by the development of some key categories, such as the education of Sportsmen, the presence of football as a social practice of socialization, the emergence and circularity of the new clubs, the establishment of a precarious, but a public space. The results point out, among other issues, for the reaffirmation of amateur ethos in the figure of gentleman, what suggests the respective masculinism, the incipient body pedagogy suitable for sport, the institution of a football rhetorical in the newspapers.

Keywords: football, modernization, Florianopolis, press

Primeiras palavras

A ideia de praticar e apreciar esportes compõe os processos de modernização do Ocidente, principalmente aqueles que ganham impulso no século XVIII. Conforme as cidades europeias foram se consolidando e com isso transformando seus hábitos e costumes, incorporaram práticas de lazer que puseram os corpos em movimento ordenado e normatizado. Junto com outros processos colonizadores, como os referentes a atividades artísticas e intelectuais, em fins do século XIX o tempo livre já era preenchido com práticas esportivas também em outras partes do mundo, inclusive no Sul da América. Em meio a mudanças urbanas, com nova organização do tempo e do espaço, na educação e nas obras de infraestrutura (alargamento e calçamentos de ruas, sanitarismo, eletricidade etc.), o esporte entra como facilitador no processo de disciplinar os corpos, compondo o projeto de fabricação de sujeitos fortes e sadios, educados na perspectiva de formação do *gentleman*, o homem educado, cavalheiro e desinteressado pelas coisas materiais.

Mesmo em regiões periféricas, mas litorâneas, como Florianópolis, no Sul do Brasil, esse movimento aconteceu, mostrando que, apesar das contrafações, não há um “fora” da modernidade. Como não raro acontece, foi nas camadas sociais superiores que as novas tendências foram ganhando espaço. O primeiro esporte a alcançar destaque na Ilha de Santa Catarina, onde a maior parte do município já se localizava, foi o remo, praticado pelo alto escalão societário, antes mesmo de a cidade ter a denominação atual, recebida apenas em 1894. No início do século vinte, o futebol ganha espaço, também de forma mais restrita às frações superiores da sociedade.

Na capital catarinense o futebol avança, a partir de 1910, quando da primeira partida realizada entre jovens visitantes em busca de posições no serviço público e moços da própria cidade. Ao final da década já havia um pequeno número de clubes dedicados ao futebol, sendo os anos 1920 centrais para a consolidação do esporte na cidade, com a fundação da Liga Santa Catarina de Desportos Terrestres (LSCDT), instalada numa sala do Gymnasio Catharinense, estabelecimento de ensino jesuítico, frequentado pelas elites locais. Dentre os clubes fundadores da Liga, estavam: Avahy, Externato, Figueirense, Internato e Trabalhista (Dallabrida, 2001).

Ao longo dos anos seguintes o futebol não apenas cresceu em praticantes, interesse e organização, como foi aos poucos ganhando uma nova característica que lhe seria fundamental: o profissionalismo. Ao mesmo tempo, esse esporte se constitui parte da cultura urbana, seja na forma de prática, seja como espetáculo capaz de reunir cada vez

mais interessados. Essencial nesse processo é sua presença na imprensa periódica, que paulatinamente vai concedendo espaço para que as notícias sobre os teams e matches ocupassem suas páginas. Como destaca Hugo Lovisoló (2011), o papel do jornalismo é também o de constituir o campo esportivo, não apenas noticiá-lo; tal imbricação seria tão pujante que a principal revista esportiva argentina tem o sugestivo título de *El Gráfico*. É nos jornais que se conforma uma retórica futebolística que, em evolução, mantém-se ainda nos dias de hoje.

O presente estudo tem como objetivo comentar a presença do jornal, entendido como plataforma cultural da esfera pública, na constituição do futebol, tomando como exemplo o noticiário sobre um de seus clubes –Avahy Football Club– e como fio condutor a transição do amadorismo ao profissionalismo nessa modalidade. A equipe escolhida foi fundada em 1923 e segue em funcionamento, disputando atualmente a segunda divisão brasileira. Seu nome, que hoje é grafado como Avaí, é uma homenagem a uma das batalhas da Guerra do Paraguai, assim como acontece com o Clube Náutico Riachuelo, dedicado ao remo, cujo diretor, Amadeu Horn, teria, segundo a narrativa que se atualiza a cada geração, confeccionado o primeiro uniforme da agremiação futebolística. Observe-se a enorme presença que a guerra travada por uma Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai) contra os guaranis têm no imaginário nacional, a ponto de batizar diversos clubes esportivos, inclusive os dois supracitados. A profissionalização do esporte, por sua vez, se dá como parte do processo de modernização brasileira, que começa um novo ciclo com a Revolução de 1930, o que inclui a expansão do recrutamento de atletas, com maior afluxo de negros e pobres (categorias que comumente se superpõem), livres das amarras que o amadorismo lhes colocava. Esse é um processo que possibilitou que outras minorias sociais, como os judeus, pudessem em outros países aceder ao esporte (Claussen, 2014).

O paradoxo entre o encolhimento do caráter formativo do futebol e sua contraface democratizante, ambos processos provocados pela profissionalização do esporte nos anos 1930, dá o tom não apenas temático, mas metodológico deste texto. Trata-se de pensar sobre o movimento dialético que funda e por meio do qual se desenvolve a modernidade, que se consolida como sociedade burguesa, ainda que procure manter parte do núcleo cultural da vida aristocrática. Isso não é diferente mesmo na periferia do mundo, que não está fora desse processo, senão que encontra nele seu próprio lugar. Essas contradições se mostram com veemência no período escolhido para a análise da imprensa periódica, entre 1925 (começos do futebol catarinense como prática pública) e 1933 (marco da profissionalização do futebol no Brasil).

A imprensa escrita é uma das responsáveis pela construção da vida pública. Da ampla investigação realizada na seção de periódicos da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, em Florianópolis, selecionamos alguns documentos que tratam basicamente dos temas da divulgação pública das práticas, da burocratização do esporte e dos movimentos contraditórios de profissionalização, três marcadores do que conhecemos por modernidade. A eleição do Avaí Futebol Clube como agremiação privilegiada deu-se para que se ganhasse em precisão, restringindo o universo estudado a um de seus grandes lados, o outros seria o Figueirense Futebol Clube, coirmão e adversário do

primeiro. O material escrito foi analisado em seu conteúdo considerando sua dinâmica e em no que diz nos termos das contradições internas e sociais que amalgama.

O texto se divide em mais cinco partes, fora as referências. A próxima apresenta aspectos da instituição do futebol em Florianópolis, o que se deve, em boa medida, ao papel da imprensa escrita. Logo após, abordamos o amadorismo como uma pedagogia para os corpos de homens praticantes de futebol e, em seguida, a expansão do esporte no país, segundo os jornais locais. Finalmente, tratamos dos processos de profissionalização e seus efeitos, concluindo com um balanço sobre as consequências de tal movimento.

Primeiros passos do futebol catarinense

É no ano de 1925, o ano que sucede a fundação da LSCDT, que começam a surgir nas páginas dos jornais florianopolitanos notícias, relatos e comentários sobre o football. No Jornal *O Estado*, o mais popular à época (Budde, 2017), as matérias sobre os esportes encontravam-se na coluna “Pelo desporto” e “Espectador”. A última oferecia espaço para o pronunciamento de qualquer cidadão sobre algum fato esportivo. Essas colunas não eram impressas diariamente, em alguns momentos apresentavam-se uma vez por semana, em outras, em dias seguidos, e ainda houve ocasiões em que não se leu nenhuma notícia esportiva durante uma semana. Havia ainda o diário *O Tempo*, órgão do Partido Republicano Catharinense, publicado em Florianópolis entre os anos de 1925 e 1926, no qual os leitores podiam encontrar a coluna “Notas Desportivas”.

No início do século vinte, os jornais impressos já eram os meios de comunicação mais importantes da sociedade florianopolitana, veiculando notícias diariamente, e informando a população sobre os fatos cotidianos e sociais. Dentre eles o futebol ganhava destaque. Os espaços editoriais destinados ao esporte variavam, como, por exemplo, pequenas notas que informavam as sessões de treinamento dos clubes de futebol, no campo da Liga Santa Catarina de Desportos Terrestres, situado no centro da cidade e denominado Adolfo Konder. Algumas apontavam a obrigatoriedade da presença nos treinamentos e as possíveis penalidades, caso os jogadores convocados a ele não comparecessem (*O Estado*, 21 de março de 1925).

O jornal *O Estado*, em especial, informava o dia e horário da contenda e no dia seguinte relatava sobre o evento. No jornal havia notícias sobre as reuniões, assembleias, tanto da LSCDT, como dos clubes. Como por exemplo, a reunião da Liga para escolha dos juízes de *football* para o campeonato, ou até mesmo a convocação para selecionar os árbitros e a convocação dos sócios às assembleias dos clubes para alteração do Estatuto. Podemos observar como o esporte já era visto como algo importante para a cidade, e como estava organizado. Para que tais notas fossem tão importantes a ponto de aparecerem nos jornais, tratava-se de algo de interesse de, pelo menos, parte da população florianopolitana.

As notícias do futebol nacional também tinham espaço. No ano de 1925 foi noticiada a participação do futebol brasileiro em viagem à França para dois jogos com o selecionado daquele país, com duas vitórias do time brasileiro. Este era composto por jogadores da cidade de São Paulo, como foi destacado na própria nota que informava o

“quadro paulistano” de jogadores (*O Estado*, 17 de março de 1925, 24 de março de 1925), mas que estavam lá representando o *football* brasileiro.

Com os jogos internacionais, os brasileiros começavam a ganhar destaque. Além das vitórias conquistadas em Paris, os cronistas franceses teriam feito elogios à equipe brasileira, em especial ao jogador Friedenreich: “Rio, 19. Informam de Paris que o cronista de Le Journal declarou também que Friedenreich é o jogador mais completo e veloz que elle já viu” (*O Estado*, 19 de março de 1925). Essa retórica ufanista foi destacada por Franzini (2003), que resalta, a partir de fontes oriundas de jornais dos grandes centros do país, o reconhecimento internacional que o Brasil teria conquistado, mencionando as “habilidades incomparáveis” dos jogadores brasileiros.

Em outra ocasião, noticia-se que, representando de fato o futebol de São Paulo, o Club Palestra Itália, –originário de grupos de imigrantes italianos e desde a Segunda Guerra Mundial chamada Sociedade Esportiva Palmeiras– viajava a Buenos Aires, para jogo amistoso contra equipes argentinas (*O Estado*, 21 de março de 1925).

Além das viagens internacionais, em 1925 era observado intercâmbio interestadual de clubs brasileiros. Foi o caso do amistoso realizado entre os times do Figueirense (Florianópolis, SC) e Palestra Italiano (Santos, SP), na cidade do segundo. Isso acontecia também em plano estadual, por meio de uma “viagem interurbana”, como se noticiou a visita do Avahy Football Club a Joinville para partida contra o América Football Club. Assim também aconteceria em 1928, com destaque para cidade de Brusque, que tanto recebeu times da capital, como trouxe sua delegação esportiva para Florianópolis. Em 1933 o intercâmbio pode ser observado entre Itajahy e Florianópolis, e contra times de diferentes estados, como São Paulo, protagonizados mais precisamente por aqueles que possuíam maior destaque já nesta época, Avahy e Figueirense.

As notícias giravam em torno do football, mas não se limitavam a esta modalidade. Outros também tinham destaque, como remo, tênis, golfe, boxe, automobilismo, turf. Entre eles, os que recebiam ênfase, com maior número de notas, eram, além do *football*, os dois primeiros. O esporte daqueles tempos era ainda praticado de forma amadora, sustentado pela mentalidade aristocrática, prática de lazer como era, por exemplo, o cinema, este destacado nos jornais com algumas notas informando sobre as sessões realizadas diariamente na capital. Ambos eram pontos de encontros sociais da juventude elitizada da cidade, espaços de encontro para formação e afirmação de uma subjetividade burguesa, mas de cultura ainda com traços aristocráticos. Pode-se observar, em uma nota no jornal, a união dessas duas práticas, quando informada uma sessão beneficente, no Internacional Cinema, em benefício ao Avahy Football Club (*O Estado*, 8 de maio de 1925).

Amadorismo como norma de conduta e uma pedagogia dos corpos

Marca do amadorismo, o fair play era cultuado como tarefa principal do praticante, como bem se pode observar em uma querela sobre um lance de jogo, classificado por um articulista como violento, capaz de jogar o adversário “por terra”. A censura veio na coluna “Pelo Desporto” do jornal *O Estado*. Esta pedia punição ao suposto agressor, já

que violência dentro da praça esportiva era passível de penalidade, segundo o Estatuto da Liga. Mas, em contrapartida, e com fins declarados de manter a prática com seu caráter “genuíno”, o jogador lesado pelo pontapé, Carlos Bezerra, escreve para o jornal e defende o adversário, como segue na nota “Pelo Desporto”:

(...) não posso furtar-me ao desejo de desmentir a nota pelo “Espectador” [...] e de defender o sportman da acusação que lhe foi feita [...]. O incidente que hontem fui victima, poderei amanha ser autor, tendo em vista que por mais prudente, calmo, e refictido que queira ser quem se dedique a esse gênero de Sport, não poderá nunca transformal-o em jogo de salão. (*O Estado*, 25 de abril de 1925).

A crença nos valores desse tipo de prática, segundo Peter Gay (1995) era que “só amadores poderiam manter acesa a chama de um jogo limpo. A honestidade exigia não tirar vantagem da obstrução do juiz numa falta contra o adversário” (p. 445). O esporte formaria o *gentleman*. No segmento de jornal supracitado pode-se observar a negação ao “não gentleman” a partir do ato descrito do jogador que atingiu seu adversário e a defesa caráter amador no esporte. A prática levaria ao puro prazer e sua realização a expressão espontânea da vitalidade (Gay, 1995). Enaltecia-se o espírito cavalheiresco, segundo o qual importa antes do jogo do que a vitória. Isso não deveria inibir, no entanto, o compromisso com o esforço e a virilidade, atributos relacionados à formação masculinizante tão associada ao futebol e aos rapazes sob regime de heteronormatividade.

|7|

No início dos anos 1930, é inaugurado o Estádio Adolfo Konder, conhecido também como Campo da Liga, na rua Bocaiúva. Localizado naquele momento em área distante do centro da cidade, ele foi sendo incorporado à dinâmica urbana e hoje já não existe, substituído por shopping center. Inicialmente pertencente à LSCDT, ele foi cedido ao Avaí no início dos anos 1970, na mesma medida em que se construía um estádio para seu rival, o Figueirense. A praça esportiva, batizada em homenagem a um representante de uma das principais oligarquias políticas de Santa Catarina, os Konder Bornhausen (Auras, 1991), foi palco de muitas partidas de futebol na capital, chegando até a receber o Santos Futebol Clube, de Pelé, para um amistoso em 1972.

Além das notícias falando propriamente dos esportes, o jornal ressaltava sua importância na vida da juventude, ressaltando os ideais de saúde e higiene, tão importantes para moldar os comportamentos modernos. Na coluna “Pelo Desporto” podemos ler que:

O dia de hontem foi consagrado aos diversos ramos do desporto que ultimamente se desenvolveu na capital [a nota destaca o Remo, Football e o Tennis]. A nossa mocidade, desta vez, está convencida que mais vale tratar da sua cultura physica, educando-a e applicando as suas forças em seu próprio aproveitamento, do que perdel-a e esgotal-a nos excessos que tanto prejudicam o organismo e a saúde, como sejam os abusos que se commetem nos divairos da mocidade. Hontem empenhados como estavam nas diversas pugnans desportivas, sentiram por certo um entusiasmo sadio e forte que logo se communicou a quantos estavam ligados ou filiados aos diversos clubs desportivos desta capital. (*O Estado*, 25 de maio de 1925).

No jornal *O Tempo* a coluna destinada ao esporte chamava-se “Notas Desportivas”. Ela informava aos interessados quando seriam as sessões de treinamento dos clubs na praça desportiva, assim como as datas e os horários dos jogos do campeonato da cidade e de torneios organizados pela Liga. O football nacional também era noticiado, como o campeonato carioca (*O Tempo*, 30 de setembro de 1925, p. 2). Destacava-se também a vitória do time do brasileiro que participava do Campeonato Sul-americano (*O Tempo*, 20 de dezembro de 1925, p. 2).

A LSCDT promovia jogos beneficentes, e o jornal noticiava tal iniciativa, como foi o caso daqueles ocorridos entre os times da capital em benefício do Club Náutico Francisco Martinelli, no dia 18 de outubro de 1925 (*O Tempo*, 18 de outubro de 1925, p. 5). No aniversário de dois anos de fundação do Avahy Football Club, o jornal faz uma nota dedicada ao club:

Transcorre hoje, o 2º aniversario da fundação do Avahy Foot-Ball Club.

Sociedade formada por um grupo de meninos, hontem um club infantil, é hoje o Avahy três vezes campeão, vencedor da temporada do anno passado, do torneio amistoso e do torneio initium deste anno.

Unicamente pelo esforço dos seus dirigentes, pela camaradagem e communhão de idéas dos seus associados, este glorioso club, conseguiu galgar a alta posição que occupa, elevando se de victoria em Victoria, empenhando se em luctas renhidas com adversários fortes, sabendo bater-se sempre com franquesa e lealdade.

A sua organização póde-se dizer que uma oraganização de ferro, tendo por base solida a sábia orientação dos srs Amadeu Horn e Alfredo Loureiro, dois verdadeiros benemetrios que muito têm feito pelo progresso deste glorioso club, dois sonhadores de realizações sportivas em nossa terra.

Além de possuir um quadro excelente, treinado, nota-se no Avahy o entusiasmo, a união existente entre seus jogadores, a obediência que prestam aos directores do Sport, o que é uma das causas principaes do bom caminho que trilha este Club.

Parabens, pois á distincta diretoria do Avahy, que vê, passar entre risos e glorias o 2º aniversario de sua fundação (*O Tempo*, 1º de setembro de 1925, p. 5).

Expansão nacional do futebol

Em 1928, já se pode observar algumas mudanças em relação à grafia da palavra football. Se antes era assim escrita, em língua inglesa, agora passava a ser em português, como até os dias atuais, futebol. Outro destaque é a mudança do nome da entidade que legisla o esporte no estado, ou seja, a LSCDT passou a ser chamada de Federação Catharinense de Desportos (FCD), em 1927. O nome abasileirado sugere que as práticas já se incorporavam como parte da cultura nacional, diminuindo seu caráter estrangeiro e mesmo distintivo (Bourdieu, 2007), se isso não fora vencido, diminuiria sua força. O campeonato estadual de futebol se dava em dois momentos, o do interior e o da capital. Cada primeiro colocado se credenciava para uma partida que decidia o campeão. Os clubes que participavam deveriam necessariamente estar filiados à FCD.

Como o único time do interior que confirmou sua filiação à FCD referente ao ano de 1927 foi o Brasil Futebol Club, de Blumenau, este automaticamente foi campeão do interior, tendo disputado, em 15 de janeiro de 1928, a final do campeonato estadual de 1927 contra AvaHy Futebol Club, campeão da capital (*O Estado*, 14 de janeiro de 1928). Observa-se uma organização mais apurada do esporte, que vai deixando, mesmo em seu caráter ainda amador, de ser prática desinteressada para ganhar novos contornos que apontam ao profissionalismo.

Em 1928, viu-se a primeira participação do futebol catarinense no campeonato brasileiro de futebol. Tratava-se, naquele ano, da sexta edição do torneio. Diferentemente dos dias atuais, o torneio era disputado por selecionados que representavam os estados. A seleção catarinense era formada tanto por jogadores da capital quanto do interior. Mas, em se tratando de uma época em que o amadorismo reinava, havia jogadores convocados que não compareciam aos treinamentos, mesmo sendo eles previamente marcados. A nota a seguir relata o caso: “O jogo entre os combinados, para preparar jogadores e reservas para o selecionado barriga verde [denominação afetiva aos catarinenses, de origem bélica], ao sexto campeonato brasileiro, não se realizou, devido à indisciplina da maioria dos elementos escalados, que não compareceram” (*O Estado*, 18 de setembro de 1928). Continua com um pedido aos diretores da Federação Catharinense de Desportos para que agissem com energia contra os “elementos indisciplinados”. A solicitação tinha o intuito de uma chamada para que se levasse a sério o sexto campeonato brasileiro de futebol, de forma que a seleção catharinense pudesse demonstrar “o adiantamento do futebol na nossa terrinha estremecida”.

Um elemento importante da supracitada nota diz respeito à disciplina corporal, valor importante para as sociedades em processo de modernização. Sobre a relação do esporte com ela, Nicolau Sevcenko (1992) relata que “o esporte tanto viria preencher o vazio da ruptura abrupta ocorrida na rotina cotidiana das comunidades, como traria o potencial de novas alternativas de adaptação [...] ao mundo (...)” (p. 49). Com argumento semelhante, Gay (1995) fala dos efeitos civilizadores do esporte e aponta que para praticá-lo deve-se obrigatoriamente manter a calma, comportar-se corretamente a todo tempo, com a intenção de dominar-se e conseguir fazer o que seria vantajoso para a contenda, mas sem infringir os direitos alheios. Seria o caso de se “criar nos indivíduos uma disposição instintiva à ação disciplinada, à coordenação coletiva de movimentos e propósitos e a se guiar por um conjunto fixo de regras, limites e alternativas” (Sevcenko, 1992, p. 48). O autor ainda acrescenta que a finalidade do esporte está em incorporar o “espírito esportivo”, levando em conta que isso vai muito além do apenas vencer.

Na mesma data da nota antes citada, foi anunciada a transferência do primeiro jogo do campeonato brasileiro entre os gaúchos e os catarinenses. Com esse fato, a FCD teve que dispensar os jogadores. Como se tratava de um selecionado do estado, os futebolistas do interior voltaram para casa, com prejuízo para a Federação, já que ela teve que arcar com as despesas das estadias. Assim, foi noticiado que a FCD poderia vir a solicitar uma indenização à Confederação Brasileira de Desportos (CBD), pois o jogo havia sido transferido por iniciativa dessa entidade. Tal atitude foi repugnada em nota

posterior, que alegava que seria um ato que possivelmente traria problemas para o esporte do estado, pois este poderia “sofrer as consequências desagradáveis de uma resolução precipitada” (*O Estado*, 19 de outubro de 1928).

Uma importante matéria sobre o stadium da FCD, o Adolfo Konder, foi publicada no dia três de outubro de 1928. A matéria diz do mau estado que aquele se encontrava, comparando-o com o stadium que acabara de ser construído na capital do estado do Rio Grande do Norte, na época o maior do Nordeste. Na nota abaixo, foram questionados alguns pontos, como segue:

que vemos aqui? Um campo cercado por tábuas a cair de podres [...], obra realizada como temporária, mal e mal, por alguns rapazes de um clube desta cidade, e que os dirigentes do futebol catharinense resolveram considerar duradoura... Porque os senhores da F.C.D não fazem alguma coisa pelo... stadium da rua Bocayuva? (*O Estado*, 3 de outubro de 1928).

Pode-se notar a partir desses questionamentos em relação ao estado que se encontrava o stadium da FCD, o zelo e a preocupação que se destinava aos esportes, o alcance que eles tinham na sociedade. Isso se mantém nos anos seguintes. Em 1933 o jornal *O Estado* evocava a necessidade de reconstrução imediata da praça desportiva da Federação Catharinense de Desportos, ressaltando que seria realizada com os recursos de “inúmeros bons amigos que a entidade terrestre conta no meio esportivo e social do Estado” (*O Estado*, 18 de abril de 1933, p. 6).

|10|

Tudo isso ganha um sentido importante (a mudança de football para futebol bem o representa) nos termos da construção de uma unidade forjada pelo governo de Getúlio Vargas (1930-1945) com suas campanhas nacionalistas, marco que, no futebol, encontrará seu ponto culminante na participação brasileira na Copa do Mundo de 1938, na França, em que a seleção alcançou a terceira posição e projetou seu primeiro superstar, Leônidas da Silva. Este jogador, como mostra o belo ensaio de Anatol Rosenfeld (2007) foi protagonista de campanhas publicitárias nacionais, como a do chocolate diamante negro (haveria que se observar um caráter racista no fato), alcançando desempenho marcante nas equipes do Clube de Regatas Vasco da Gama e, já veterano para os padrões da época, no São Paulo Futebol Clube.

Avanços do profissionalismo

O ano de 1933 representa um marco na história do futebol, já que o amadorismo foi sendo suplantado pelo profissionalismo. Principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, já se encontravam times de futebol profissionais, mesmo ainda não sendo como tais reconhecidos pela entidade nacional que organizava a prática no Brasil. Em Santa Catarina, o profissionalismo ainda não estava presente. A ideia de manter o futebol amador vai ao encontro da busca em conservar o seu caráter “genuíno”, vinculado à formação do gentleman, da “prática pela prática”, o que conserva o esporte como elitizado e não democrático. Sobre o profissionalismo, no dia 14 de fevereiro de 1933, foi divulgada uma nota que ponderava tal característica da prática desportiva:

O profissionalismo –Rio (Correio)– os jogadores que se vão submeter ao regime do profissionalismo terão uma série de obrigações que não tinham no amadorismo. Assim sendo, vão ficar privados de certas liberdades que desfructavam antes. Nem todos os jogadores estão em condições de aceitar, sem sacrifício, algumas das exigências impostas pelo futebol profissional que, como se sabe, é bastante absorvente. Para que tenha uma idéa do rigor de muitos aspectos da vida dos jogadores profissionais, observa-se uma medida que o Fluminense adoptará para evitar a simples possibilidade de desavença. Assim é que o tricolor só aceitará, para seu team de profissionaes, jogadores solteiros. (*O Estado*, 14 de fevereiro de 1933, p. 6)

Isso mostra o quanto o profissionalismo ainda era mal visto dentro do campo esportivo e pela sociedade de modo geral, principalmente pela elite que pretendia manter o traço aristocrático nos esportes. Era desejado que o esporte fosse praticado de forma “desinteressada”, assim como Pierre Bourdieu (1983) sugere, quando afirma que o amadorismo como ideologia “faz do esporte uma prática tão desinteressada quanto a atividade artística, porém mais conveniente do que a arte para afirmação das virtudes viris dos futuros líderes” (p. 140). Assim, sem entrar no mérito da questão das artes, podemos pensar que o esporte, deixando de lado sua característica de formador de indivíduos “prontos para encarar a sociedade”, perde um certo tipo de prestígio; o que antes era praticado por distração e gozo, agora com o profissionalismo será praticado antes por interesse financeiro, como trabalho com a oportunidade de garantir sustento. Passa a ser, senão para todos, oportunidade para muitos.

[11]

Um fato que demonstra o amadorismo ainda reinante em Santa Catarina foi o não comparecimento do time Tamandaré, de Florianópolis, ao jogo do Campeonato local, devido ao excesso de serviço (!) de seu presidente (*O Estado*, 15 de dezembro de 1933, p. 8).

Em 1933, o campeonato estadual de futebol de Santa Catarina contava com times de Florianópolis, Blumenau, Itajahy e Joinville. O torneio iniciava no final do ano para terminar somente no seguinte, com a pretensão de “concluir[se] antes do carnaval” (*O Estado*, 14 de novembro de 1933, N° 6040, p. 6). Observa-se que o Campeonato Estadual ainda não possuía uma tabela com as datas dos jogos. Outro aspecto que mostra o persistente amadorismo na FCD é o fato de que nesse ano a entidade catarinense não fez sua inscrição no campeonato brasileiro de futebol, que já incorporava os times profissionais do Rio de Janeiro e de São Paulo. Fosse porque a entidade não tenha conseguido se organizar para a inscrição, fosse porque era contrária à presença de equipes profissionais na competição, o fato é que o amadorismo se mostrava com muita força no estado do Sul do Brasil.

Em se tratando do futebol sul-americano, o profissionalismo ainda era repugnado, visto que para as disputas das Taças Rio Branco e Julio Roca, com jogos, respectivamente, contra os vizinhos Uruguai e Argentina, uma das dificuldades para participação do selecionado brasileiro era o fato de que faltava “elementos disputantes, uma vez que os aproveitáveis se inscreveram no profissionalismo repellido” (*O Estado*, 18 de maio de 1933, p. 6). A nota ainda acrescenta outras dificuldades que fizeram a Confederação Brasileira de Desportos não disputar as Taças naquele ano, como, entre outros, o Brasil

não possuir campo em condições para o bom desenrolar dos jogos e a precária situação econômica do país.

A abertura oficial da temporada de futebol no estado acontecia pelo Torneio Initium, do qual participavam obrigatoriamente os clubes da capital inscritos para o campeonato estadual. Em 1933 o campeão foi o Avahy Futebol Club. Durante a disputa, a equipe promoveu um festival. O evento contou com o apoio do jornal *O Estado*, que veiculou as notícias quase que diariamente, avisando sobre os passos do evento. Este era para acontecer em um dia, mas por causa do mau tempo no dia da realização, foi dividido em duas partes. Outro apoio com o qual contou foi da Confeitaria do Chiquinho, na rua Felipe Schmidt, no centro de Florianópolis, que disponibilizou sua vitrine para a exposição das taças do festival. É mais um fato que mostra como o esporte pertencia à vida social da cidade, já que nesse estabelecimento eram comuns os encontros entre jovens da elite da então pacata cidade de Florianópolis. A poucos metros de onde ficava a casa de doces, está a Praça XV de Novembro, onde ocorria o footing e na região da qual se localizavam os principais cinemas e o teatro municipal.

|12|

Considerações Finais

Se em 1928 houve um progresso no que diz respeito ao futebol catarinense, em 1933 parece ter acontecido algum retrocesso esportivo. Podemos aludir a condição econômica da entidade, mas algo mais importante talvez tenha sido o início do processo de profissionalização no futebol, quando este coloca para trás aqueles que a ele não aderiram. Deste modo, os times que não se profissionalizaram a partir dessa época possivelmente viram seus adeptos diminuir. Mas isso não quer dizer que com o profissionalismo ocorre uma regressão na prática do esporte, mas, sim, uma divisão entre times amadores (aqueles que, de fato, não tiveram condições ou interesse para manter o time juntamente com a contratação de jogadores, agora, profissionais) e que se profissionalizaram (garimpando sua permanência com destaque no cenário futebolístico da capital, assim como ocorreria em todo o Brasil).

Em Florianópolis, o processo de modernização se instaura posteriormente ao das grandes metrópoles brasileiras, e adere aos costumes e práticas modernas, como o futebol. Compõem esse quadro o etos amadorístico demarcado na figura do gentleman, a incipiente preocupação com uma conformação corporal adequada ao esporte e a instituição de uma retórica futebolística nos jornais.

Naquela época, o amadorismo ainda era presente nos desportos, o fair play reinava em suas práticas, e essa característica confirmava o perfil do indivíduo praticante de esportes nas primeiras décadas do século vinte. Deste modo, preservava-se o sentido original do futebol, a disciplinarização dos corpos e a formação do “bom moço”, do gentleman. Foi na década de 1920 que se pôde constatar a disseminação do esporte no Brasil. Na capital catarinense, naquela mesma década acontece a fundação de times até hoje existentes na cidade, Avahy e Figueirense, além de outros que foram desaparecendo do cenário esportivo da capital. Permaneceram após a profissionalização do esporte somente os que aquiesceram a este modelo.

Nesse contexto é essencial a presença do jornal diário, colocando e ecoando o futebol como parte da vida pública, de exposição e prática da cultura burguesa, urbana e moderna. Para tanto, firmou vocabulário e tonalidade sintática, celebrando os feitos nacionais e organizando a agenda esportiva, ao ponto de anunciar a realização de sessões de treinamento. Foi também espaço de manifestação de esportistas, eles também participantes do debate público. Este é um cenário muito diferente do de hoje, quando o produto futebol se vende especialmente como espetáculo, perdendo, ao menos em parte, seu caráter formador.

Vale lembrar, nesse sentido, um comentário do filósofo Theodor Adorno (1995) há quase 60 anos, ao se referir à ambiguidade do esporte:

(..) por um lado, ele pode ter um efeito contrário a barbárie e ao sadismo, por intermédio do *fair-play*, do cavalheirismo e do respeito pelo mais fraco. Por outro, em algumas de suas modalidades e procedimentos, ele pode promover a agressão, a brutalidade e o sadismo, principalmente no caso de espectadores, que pessoalmente não estão submetidos ao esforço e à disciplina do esporte; são aqueles que costumam gritar nos campos esportivos (p. 127).

|13|

Os processos de modernização suplantam, abrindo novos horizontes, o entulho que amarrava as possibilidades de democratização. Foi assim com a profissionalização do futebol. Havia, no entanto, um núcleo de verdade que poderia ter sido preservado, o do cuidado corporal consigo e com o outro, expresso naquela carta em que um futebolista lesionado defende seu adversário, que não o teria agredido, mas, sim, involuntariamente atingido no contexto de uma disputa leal. Nas contradições da mentalidade aristocrática, que havia que ser superada, residia algo que talvez pudesse ter alcançado outro plano atualmente, reforçando a formação e abrandando a rispidez masculina que nos conforma. Há nessa dialética algo a ser recordado, mesmo que seja para sua superação.

Referências bibliográficas

- Adorno, T. W. (1995). *Educação e Emancipação*. Paz e Terra.
- Auras, M. (1991). *Poder oligárquico catarinense: da guerra aos “fanáticos” do Contestado à opção pelos pequenos*. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Bourdieu, P. (1983). Como é possível ser esportivo. Em *Questões de Sociologia* (pp. 136-153). Editora Marco Zero Limitada.
- Bourdieu, P. (2007). *A distinção: crítica social do julgamento*. Edusp, Zouk.
- Budde, L. (2017). *Jornal O Estado: da glória à decadência (1915-2009)*. Insular.
- Claussen, D. (2014). *Béla Guttmann: Uma lenda do futebol do século XX*. Estação Liberdade.
- Dallabrida, N. (2001). *A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na Primeira República*. Cidade Futura.
- Franzini, F. (2003). *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. DP&A.
- Gay, P. (1995). *Domínio Incerto. O cultivo do ódio*. Companhia das Letras.
- Lovisoló, H. R. (2011). Jornalismo e esporte: linguagem e emoções. *Corpus et Scientia*, (7), 91-99. <https://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/corpusetscientia/article/view/133/102>
- Rosenfeld, A. (2007). *Negro, macumba e futebol*. Perspectiva.

Sevcenko, N. (1992). *Orfeu extático na metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*. Companhia das Letras.

Fontes

- [Coluna desportiva]. (17 de março de 1925). *O Estado*, (3226). Florianópolis
- [Coluna desportiva]. (19 de março de 1925). *O Estado*, (3228). Florianópolis
- [Coluna desportiva]. (21 de março de 1925). *O Estado*, (3230). Florianópolis
- [Coluna desportiva]. (24 de março de 1925). *O Estado*, (3232). Florianópolis
- [Coluna desportiva]. (25 de abril de 1925). *O Estado*, (3259). Florianópolis
- [Coluna desportiva]. (8 de maio de 1925). *O Estado*, (3269). Florianópolis
- [Coluna desportiva]. (25 de maio de 1925). *O Estado*, (3283). Florianópolis
- [Coluna desportiva]. (14 de janeiro de 1928). *O Estado*, (4093). Florianópolis
- [Coluna desportiva]. (4 de maio de 1928). *O Estado*, (4185). Florianópolis
- [Coluna desportiva]. (18 de setembro de 1928). *O Estado*, (4301). Florianópolis
- [Coluna desportiva]. (3 de outubro de 1928). *O Estado*, (4315). Florianópolis
- [Coluna desportiva]. (19 de outubro de 1928). *O Estado*, (4329). Florianópolis
- [Coluna desportiva]. (18 de abril de 1933). *O Estado*, (5865), 6. Florianópolis
- [Coluna desportiva]. (18 de maio de 1933). *O Estado*, (5889), 6. Florianópolis
- [Coluna desportiva]. (14 de novembro de 1933). *O Estado*, (6040), 6. Florianópolis
- [Coluna desportiva]. (15 de dezembro de 1933). *O Estado*, (6066), 8. Florianópolis
- [Coluna desportiva]. (1 de setembro de 1925). *O Tempo*, (198), 5. Florianópolis
- [Coluna desportiva]. (30 de setembro de 1925). *O Tempo*, (222), 2. Florianópolis
- [Coluna desportiva]. (18 de outubro de 1925). *O Tempo*, (237), 5. Florianópolis
- [Coluna desportiva]. (20 de dezembro de 1925). *O Tempo*, (s/n), 2. Florianópolis